

ENTREVISTA

NÍLBIO THÉ

ARTISTA E VIDEASTA

"O videoclipe é precursor do hipertexto da internet"

○ Artista, arteducador, ilustrador, escritor e videasta. Um profissional multimídia que também possui interesse, acadêmico e profissional, no universo do videoclipe. Mais do que um hobby, Nílbio Thé fez da paixão trabalho (co-dirigiu o clipe "E Assim Ficou", da banda O Sonso) e objeto de pesquisa. Instrutor do curso História e Estética do Videoclipe, realizado, semana passada, no Centro Cultural Banco do Nordeste, em entrevista por email, Thé fala sobre a estética do videoclipe e as modificações que esse produto audiovisual têm sofrido ao longo dos anos

FÁBIO FREIRE
Repórter

O que é propriamente um videoclipe e quais suas particularidades em relação a outros produtos audiovisuais?

Um videoclipe "tradicional" se baseia em duas coisas: edição rápida e picotada e música. Hoje é comum se considerar clipe todo trabalho audiovisual de curta-metragem (não necessariamente captado em vídeo) feito em cima de uma música, geralmente pop, apesar de hoje, o clipe existir até mesmo em certos registros audiovisuais de ópera erudita. Até mesmo trechos de registros de shows são considerados "clipes". Entretanto, a idéia de clipe é mais ampla. Eu posso ter recursos de videoclipe dentro de um filme, uma novela, uma minissérie, trabalhos de videoarte sem necessariamente estar atrelado a nenhum tipo de música, da mesma forma que posso fazer um curta sobre música pop em plano-sequência, sem parecer em nada com um videoclipe tradicional e ainda assim esse trabalho ser chamado de "clipe".

Em que contexto surge o videoclipe e qual sua relação com a indústria cultural? Qual o papel da MTV e outras emissoras na consolidação do videoclipe como meio de divulgação?

Existem diversos critérios para se dizer qual foi, quando e onde surgiu o primeiro videoclipe. É a partir do momento em que a televisão substitui o rádio no centro do lar, no pós-guerra, que a indústria fonográfica necessita usá-la como um novo meio de divulgar seus "produtos". Ao levar seus músicos para a TV, a audiência de alguns programas é alavancada. A MTV nada mais é do que a consolidação dessa proposta de marketing, mas que também traz em seu bojo uma proposta estética extremamente pós-moderna, pós-industrial. É interessante também se dar conta de que o primeiro clipe executado na MTV, no ano de 1980, era de uma canção dos Buggles intitulada "Video Killed The Radio Star", o que é emblemático desse novo tempo. É comum dizer que o primeiro videoclipe foi "Bohemian Rhapsody", do Queen, até porque o vídeo surge nos anos 1970, antes disso só pelcula cinematográfica, mas ele na verdade é o ponto culminante de uma série de outros trabalhos. O "Balé Mecânico", de Lerger e Murphy, por exemplo, é um clipe perfeito e ele foi realizado em 1924!

Como se dá o desenvolvimento de uma linguagem e estética do videoclipe ao longo de sua curta trajetória, já que o primeiro videoclipe só "nasce" na década de 1970?

O videoclipe teve vários precursores em termos de audiovisual,

"A Velha a Fiar", de Humberto Mauro, o formalismo russo do início do século XX, "Fantasia", de Walt Disney, os filmes musicais de Gene Kelly, Elvis Presley, Carmem Miranda e diversos outros, antecipam o videoclipe. Bem como os filmes promocionais do Beatles, que permanecem muito atuais, e a abertura do documentário sobre a turnê de Bob Dylan na Inglaterra, realizada por D.A Pennebaker, que gerou o "clipe" sem cortes de "Subterranean Homesick Blues", até hoje um dos mais homenageados e parodiados do mundo. Mas, a partir do surgimento do vídeo, a pós-produção em audiovisual se dinamizou bastante, permitindo coisas que a película, antecessora do vídeo, não permitia. Se tomamos por base o Queen, com "Bohemian Rhapsody", temos que começar pelo que veio antes, a música. Neste caso, temos um clipe sonoro, pois música não tem um ritmo único, a letra é aparentemente sem sentido, cheia de referências, mistura vários instrumentos e em termos harmônicos e melódicos é também cheia de variações, sendo muito rebuscada para uma canção pop, que geralmente tem apenas uns quatro ou cinco acordes por música. Ela é estruturada em camadas e sequências sonoras de tal maneira que até sua execução ao vivo é difícil sem auxílio de programações e samplers. Então, o clipe da canção feito por Bruce Gowers reproduziu isso em imagens, com muita sobreposição, diversos efeitos visuais simples, mas impressionantes, sobretudo para a época, e vários cortes secos. Toda essa miscelânea acabou servindo de referência para todos os outros que vieram depois. O videoclipe é a linguagem pós-moderna por exceléncia, sendo um dos precursores do hipertexto da internet.

O videoclipe é, em sua essência, uma maneira de divulgação, mas hoje também é considerado uma forma de arte. Como o clipe se posiciona dentro dessa questão arte x indústria?

O videoclipe precisa vender, se não perde sua função, que é de ser um vídeo promocional. Acontece que, na grande maioria das vezes, para isso ocorrer, é necessário ser inovador em algum aspecto. Essa é uma pergunta muito interessante. Eu, por exemplo, considero o clipe o elo entre a videoarte e o cinema experimental com o comercial, a campanha publicitária. O clipe, ao contrário do que geralmente se espera de um filme, não necessita de uma narrativa explícita, tampouco existe regra definida para sua realização. Se considerarmos a relação sinestésica entre som e imagem, podemos lembrar que a abertura de "Fantasia", de Walt Disney, ao som da "Tocata e Fuga em Ré menor", de Bach, beira o abstracionismo. Isso tudo abre um precedente para que o clipe, dentro de uma proposta mais comercial, não tenha amarras, sen-

do considerado um produto mais "artístico". Mas, claro, que tudo isso depende tanto do artista que aparece no clipe (os músicos) quanto os que o realizam (os diretores). E, é óbvio, que existem clipes que não são nem um pouco inovadores, e sim um amontoado de clichês.

Até que ponto o videoclipe é um produto híbrido, que bebe da fonte e se "inspira" no cinema e na videoarte para construir sua linguagem e estética?

Clipe é colagem. A relação entre música e imagem é algo que se busca há muito tempo, tanto na criação do cinema como antes, com Debussy, Skryabin ou Kandinsky. Além disso, é natural de toda nova linguagem se estruturar em suas predecessoras. Até certo ponto, o cinema se baseou no teatro, e a fotografia, na pintura. Mas, a partir do momento que a técnica, o público e o mun-

televisão, o videoclipe se apoia em gêneros e formatos específicos? Quais seriam esses gêneros e formatos?

Não de maneira tão explícita quanto no cinema, por exemplo. Normalmente, o gênero do clipe acaba se atrelando ao gênero da música que o acompanha, os cliques de rock, de MPB, de rap... Mas a gente pode dizer que existem, sim, "gêneros" no clipe e brincar um pouco com isso. Existe aquele que só se preocupa unicamente em mostrar o artista tocando para tela não ficar preta na televisão na hora em que a música tocar. Existe o clipe super produção, que quer parecer filme. Existe o experimental, que é mais "artístico" e, normalmente, vai na contramão dos critérios clássicos de um clipe, sendo um anti-clipe, flertando com o cinema alternativo e a videoarte.

Existe o clipe independente etc. Existem alguns até em que os nomes dos músicos aparecem em

segundo plano, depois do nome do diretor, como se a música é que ilustrasse e/ou acompanhasse as imagens. E, claro, existem aqueles clipes iguais a outros clipes.

A indústria fonográfica está passando por uma grande crise, graças às novas configurações de distribuição, circulação e consumo da música. Essa crise tem se refletido na produção de videoclipes?

Com certeza! Mas eu vejo essa influência de forma muito positiva. Antigamente, nos anos 1980 até mais ou menos metade dos anos 1990, era comum um único videoclipe custar mais caro do que todo o disco do artista. Hoje em dia, as produções estão mais baratas e, por conseguinte, mais criativas. A crise é meramente financeira. O Pato Fu, por exemplo, fez um clipe para cada música de seu álbum "Toda cura para todo mal". Isso seria algo totalmente fora de contexto há quinze anos, por exemplo. Hoje, qualquer um pode fazer videoclipe, sobretudo as bandas independentes, que são quem mais estão se aproveitando dessas novas configurações que você mencionou.

Em 2007, a MTV decretou o fim do videoclipe, afirmando que diminuiria a exibição de clipes em sua programação. Na época, a emissora alegou que seu público-alvo (adolescentes e jovens adultos) não assistiam mais a videoclipes na televisão, mas, sim, na internet, graças a explosão do YouTube. De que forma essas plataformas tem interferido na percepção do videoclipe pela indústria fonográfica e televisiva e alterado suas formas de consumo pelo público?

Essa é uma questão típica da pós-modernidade ou da contemporaneidade, como se quisesse dizer, mas é algo que altera a relação de consumo dentro de toda a perspectiva da economia criativa, dos bens simbólicos. O consumo passa a ser cada vez mais individualizado em detrimento do coletivo, o que potencializa nosso poder enquanto consumidores com surgimento de nichos que são tratados na economia dentro da perspectiva da teoria da cauda longa e também nosso poder enquanto criadores. Tomemos o exemplo da banda inglesa Radiohead: alguns clipes de "In Rainbows" foram realizados por fãs, submetidos a votação e oficializados pela própria banda! Entretanto, a internet, ao contrário do que se pensa, não anula a TV. Justamente devido à formação desses nichos, existe uma reivindicação popular para a criação da MTV2, que já existe em alguns países, e que é exclusiva para a exibição de clipes, sem programas de auditório ou coisas parecidas. E a audiência da MTV durante as madrugadas até cedo da manhã, quando a programação é exclusiva de videoclipes é até relativamente alta, considerando o horário.

E o cenário do videoclipe nacional, hoje em dia, difere muito do contexto internacional?

Hoje em dia, não. Existem diretores extremamente criativos e talentosos no Brasil - como Jardim Agnelli, Luís Carone - e produtoras refinadas como a Conspiração Filmes, além de muita tecnologia acessível e criatividade, inclusive nos independentes. Estamos muito bem no campo do videoclipe.



○ NÍLBIO THÉ: "O videoclipe é a linguagem pós-moderna por excelência, sendo um dos precursores do hipertexto da internet". FOTO: KELLY FREITAS

O videoclipe precisa vender, senão perde sua função, que é de ser um vídeo promocional"

Hoje, as produções estão mais baratas e, por conseguinte, mais criativas"

Nílbio Thé
Pesquisador e videasta

do ao qual se destinam vão se diferenciando, novas soluções devem ser encontradas por conta própria. Agora, é importante dizer que os video-artistas (Bill Viola, Gary Hill, Bill Lundberg, Nam June Paik e etc...) foram essenciais para o domínio técnico e estético, simbólico e semântico do vídeo e dos clipes.

Assim como o cinema e a